

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUCIANO BREGALANTI GOMES

O processo de luto e os efeitos do traumático: um estudo psicanalítico sobre trabalhos
psíquicos, memória, testemunho e elaboração onírica

São Paulo
2019

LUCIANO BREGALANTI GOMES

O processo de luto e os efeitos do traumático: um estudo psicanalítico sobre trabalhos psíquicos, memória, testemunho e elaboração onírica

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Professor Doutor Paulo Cesar Endo

São Paulo
2019

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira
Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São
Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bregalanti Gomes, Luciano

O processo de luto e os efeitos do traumático: um estudo psicanalítico sobre trabalhos psíquicos, memória, testemunho e elaboração onírica / Luciano Bregalanti Gomes; orientador Paulo Cesar Endo. -- São Paulo, 2019.
129 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Psicanálise. 2. Luto. 3. Trauma. 4. Memória. 5. Testemunho. I. Endo, Paulo Cesar, orient. II. Título.

RESUMO

BREGALANTI GOMES, L. **O processo de luto e os efeitos do traumático**: um estudo psicanalítico sobre trabalhos psíquicos, memória, testemunho e elaboração onírica. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A presente pesquisa objetiva analisar o fenômeno do luto, especialmente no que se refere aos efeitos decorrentes do traumático em tal processo. Para tanto, parte da revisão da literatura que liga melancolia e luto, abordagem eleita por Freud ao dedicar-se a uma formalização sobre o tema. Percorremos então a obra freudiana inter-relacionando vida e obra, em busca dos contornos dados ao luto, a fim de evidenciar as proposições inovadoras, mas também dificuldades, impasses e aporias que surgem no contexto de formulação dos textos diretamente dedicados à morte e ao luto, bem como formalizações realizadas posteriormente sobre tais temas com o auxílio de desenvolvimentos conceituais novos. Para acessar caminhos teórico-clínicos vislumbrados nesse percurso, mas que por razões diversas foram relegados a segundo plano, recorreremos às trocas epistolares e às obras dos dois grandes interlocutores de Freud a esse respeito: Karl Abraham e Sándor Ferenczi. Das indicações por eles feitas a Freud como comentadores e de suas formulações originais, novas chaves de leitura permitem abordar o luto por seu viés intersubjetivo e, assim, pela possibilidade de aproximação ao traumático e seus efeitos, dentre os quais a observação de um movimento vital de recurso à alteridade. Movimento testemunhal que visa a possibilitar a realização de trabalhos psíquicos desencadeados pelo trabalho do luto, ao promover a inscrição simbólica da perda, criando um espaço intermediário que garanta a sustentação visível da memória do morto, o que leva ao exame do próprio espaço analítico, que se oferece como modelo, calcado no potencial sustentado pela elaboração onírica.

Palavras-chave: Psicanálise. Luto. Trauma. Memória. Testemunho.

ABSTRACT

BREGALANTI GOMES, L. **The process of mourning and the effects of trauma: a psychoanalytic study on psychic works, memory, witnessing and dream-work.** 2019. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The aim of this research is to analyse the mourning phenomenon, especially in terms of the effects of trauma within that process. For that, it starts from the literature revision which connects mourning and melancholia, an approach elected by Freud when he was dedicated to formally writing on the topic. The Freudian work is then examined, interrelating life and work, in search of the outlines of grieving and mourning, in order to highlight innovative propositions, but also difficulties, deadlock and aporias that emerge in the context of formulation of the works directly dedicated to death and mourning, as well as formalizations on such topics later, with the aid of new conceptual development. In order to access clinical-theoretical paths glimpsed within that route, which for different reasons were overshadowed, epistolary exchange and works by two great Freudian correspondents are resorted to: Karl Abraham and Sándor Ferenczi. From their observations directed to Freud as commentators and from their original formulations, new meanings for reading allow to access mourning through its intersubjective bias and therefore through the approximation between trauma and its effects, among which lies the observation of a vital movement that resorts to alterity. A testimonial and witnessing movement that aims at enabling psychic works put into action by the work of mourning, promoting the symbolic inscription of the loss, thus creating an intermediary space that ensures visibility support to the memory of the dead, which leads to the examination of analytic space as a model forged in the potential of dream-work.

Keywords: Psychoanalysis. Mourning. Trauma. Memory. Witnessing.

1. Introdução

A complexidade do problema enfrentado por uma pesquisa psicanalítica que pretenda dedicar-se ao fenômeno do luto pode ser dimensionada pela seguinte afirmação de Pontalis:

Nestas palavras de Freud para descrever o trabalho do luto – “a tarefa é realizada detalhadamente, com um grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e, durante esse período, a existência do objeto perdido prossegue psicicamente” – vejo a definição da fala na análise [...] (1988, p. 143)

O luto e suas manifestações, rituais, celebrações são talvez da ordem daquilo que torna o humano mais marcadamente caracterizado como tal. Não há comunidade humana que não tenha ritos fúnebres, reorganizando as relações sociais após a morte de um de seus membros e permitindo aos enlutados um tempo e um espaço para encontrar um destino subjetivo para sua perda que pressupõe um reposicionamento simbólico em torno dos lugares ocupados face aos seres amados que partiram.

Ainda assim, por mais natural que seja, o luto coloca-se como um verdadeiro enigma para a psicologia (FREUD, 1992q). Doloroso, pungente, é um trabalho árduo a ser feito, cuja dificuldade é demonstrada pela frequência com que a clínica acolhe pacientes cujos sintomas se desenvolvem em torno de lutos mal ou não elaborados. Em diversas experiências (separações, perdas, mortes) que não se equivalem, mas que são intimamente ligadas, o psiquismo é exigido intensamente.

No entanto, aquilo que pareceria natural ao olhar contemporâneo – a expressão do sofrimento face à morte tal como o concebemos – é historicamente determinado. No texto de Freud (1992i) que se tornou uma das maiores referências sobre o tema, o autor optou por um estudo comparativo entre luto e melancolia. Essa incursão ocorreu de modo único e inovador do ponto de vista metapsicológico, mas, como não poderia deixar de ser, inserido em um percurso histórico longo, aderindo a determinadas tradições e rompendo com outras. É do laço que une melancolia e luto que partimos, então, em nosso segundo capítulo.

O objeto inicial é investigar as mudanças do luto como “morte social” e a gradativa interiorização subjetiva da perda, inflexão histórica em que Freud desempenha papel preponderante.

Para tanto, foi necessário buscar compreender as relações de Freud com os temas da morte e do luto em articulação com suas formulações teórico-clínicas. Das experiências que a época impôs a Freud, da violência da guerra que irrompeu, concomitantemente às elaborações teóricas que surgiam em conjunto com seus interlocutores e acontecimentos de sua vida privada, como mortes dolorosas de familiares e amigos, surgiram formulações novas e profícuas (das quais somos atualmente tributários), mas também dúvidas, lacunas e possibilidades.

Analisando então a obra freudiana, procedemos a um levantamento dos modos de tratamento do tema do luto, buscando assim compreender os contornos que lhe foram dados pelas escolhas teórico-metodológicas eleitas por Freud, o que significa simultaneamente buscar esclarecer caminhos metapsicológicos relegados a segundo plano e elaborações no interior de sua própria obra que por quaisquer motivos não foram utilizadas.

Havendo recebido críticas tanto de estudiosos no campo dos estudos sociais quanto da própria psicanálise, às quais nos dedicaremos, a concepção que consta dos textos freudianos direta ou indiretamente sobre o luto nem sempre faz jus à complexidade da própria obra freudiana, não lança mão de conceitos e articulações que ela permitiria para a explicação desse fenômeno.

Nesse sentido, elencamos alguns dos pontos observados por outros autores em torno de aspectos obscuros das formulações sobre o luto na obra de Freud para examinar seus limites e buscar outros pontos de ancoragem na própria obra freudiana e de seus interlocutores e leitores. Entre tais pontos, merecem destaque a possibilidade de substituição dos objetos perdidos mencionada por Freud, mas sem explicação mais detida sobre seus destinos e impactos psíquicos (ALLOUCH, 2004); o estatuto do objeto no luto (KLEIN, 1996; LACAN, 2016); a abordagem estritamente dual do luto (morto-enlutado), não concebendo sua dimensão social (ALLOUCH, 2004; ARIÈS, 1990); e certa ênfase na angústia relativa à morte e na interpretação do luto como subsumível à lógica de angústias e reações a perdas no complexo de castração (PONTALIS, 2005).

Algumas dessas críticas dirigidas a Freud serão retomadas principalmente como ponto de partida para se buscar outros suportes ou propostas para a elucidação desses problemas, buscando elaborar novas perspectivas de abordagem.

Contexto privilegiado para a compreensão das dificuldades teóricas e clínicas suscitadas pelo tema do luto, em que ideias fecundas surgem, mas nem sempre são assimiladas, a interlocução de Freud com dois de seus principais discípulos – Karl

Abraham e Sándor Ferenczi – permite, no terceiro capítulo, vislumbrar encaminhamentos que foram relegados a segundo plano na formalização empreendida na obra freudiana. Significativas omissões e confusões em sua troca epistolar revelam como intuições de primeira grandeza dos discípulos acabaram negligenciadas, não chegando a ser plenamente desenvolvidas na troca com Freud.

Abraham, destinatário inicial de “Luto e melancolia”¹ (1992i), tinha já uma relativamente longa trajetória em estudos congêneres, cujos achados não somente não se resumem àqueles elaborados por Freud, como deram ensejo a uma tradição de pensadores de enorme importância, como Melanie Klein, que, em continuidade a seu trabalho, viriam a potencializá-lo. Ferenczi, igualmente, tentou emprestar alguns de seus mais caros conceitos, que, contudo, ainda não plenamente desenvolvidos, acabam sendo tomados como descabidos ou equivalentes àquilo que se anunciava na obra de Freud sem o ser.

Muito embora as divergências entre Abraham e Ferenczi não sejam desconsideráveis, optamos por nos dedicar somente aos aspectos de suas correspondências com Freud e de suas obras que tratam do tema do luto e fenômenos relacionados, o que traz um panorama que, a despeito das diferenças de abordagem, apresenta pontos de aproximação importantes.

Abraham, que não se satisfazia com as ideias apresentadas até então por Freud, insiste na investigação das relações objetais precoces como germes das reações posteriores possíveis à elaboração de perdas reais, que uma de suas discípulas, Klein, enriqueceu substancialmente com seu conceito de posição depressiva. A busca por expansão libidinal em sequência a uma perda significativa, observada por Abraham (1970a), sinalizando uma mobilização despertada a partir do luto por objetos totais, seres significativos, ancora-se então em modos arcaicos de relação com objetos parciais, mas a efetiva presença de terceiros que se ofereçam como suporte ao enlutado é determinante ao destino de seu luto, como observa justamente Klein (1996).

No entanto, é na obra de Ferenczi que a expansão libidinal encontra sistematização. Com seu pensamento, marcado por sua interpelação à teoria freudiana sobre os limites do traumático, é possível abordar originalmente impasses e obstáculos enfrentados clinicamente no tratamento de pessoas enlutadas ou que sofram de efeitos de lutos mal elaborados, por vezes sequer admitidos.

¹ Neste trabalho, utilizamos majoritariamente a tradução argentina da editora Amorrortu (que, então, traduzimos para o português), mas os títulos dos textos de Freud, ao longo desta dissertação, serão referidos com os títulos já consagrados na língua portuguesa pela psicanálise brasileira.

Ambas as teorizações – de Abraham, acerca da ambivalência em jogo no luto e suas relações com a melancolia, no bojo das relações objetais e seus destinos pulsionais; e de Ferenczi, acerca da introjeção das pulsões e dos destinos do trauma – comportam uma dimensão intersubjetiva que, apoiada nos estudos sobre o narcisismo, encontram na alteridade elemento fundamental para a compreensão dos avatares do luto. Tal dimensão, embora não se possa afirmar ter sido ignorada por Freud, ganha matizes bastante mais ricos quando interpelada por esses autores e traz à clínica chaves de leitura de grande fertilidade.

O conceito de introjeção possibilita, partindo de sua concepção ferencziana, interpretar o abalo narcísico e sua tentativa de reestruturação no seio do trabalho do luto, servindo como chave de leitura para a compreensão dos efeitos do traumático nesse processo.

No quarto capítulo, procedemos a uma análise das relações entre trauma e luto, seja naquilo que o luto comportaria de inerente ou homologamente traumático, seja nas inflexões que traumas decorrentes de diferentes formas de violência trazem ao desenrolar do trabalho psíquico imposto aos sobreviventes.

Quanto a isso, novamente, Ferenczi demonstra ser autor indispensável à pesquisa, uma vez que suas contribuições ao entendimento do traumático trouxeram aportes preciosos à psicanálise, esclarecendo a necessidade de reconhecimento de um elemento testemunhal determinante à sorte do trauma, que permite também delimitar distâncias entre a lógica de compreensão dos fenômenos traumáticos inerentes a perdas inevitáveis e constitutivas, do lado da castração, daquelas desnecessárias e desestruturantes, do lado da desorganização narcísica, em função da posição testemunhal e suas relações como suporte à introjeção do sujeito.

Partindo, então da concepção ferencziana do trauma e sua inscrição temporal, enfatizando a alteridade como elemento fundamental em tais processos, buscamos articular as dimensões privada do sofrimento do enlutado e pública do fenômeno do luto, pelo estudo da interface memória e testemunho.

Nesse processo, dedicamo-nos a uma certa prevalência imaginária que se faz notar. Tal prevalência evoca uma visibilidade que desempenha papel fundamental, para que o tempo e o lugar intrapsíquico necessários ao trabalho inventarial íntimo de luto seja assegurado pela inscrição pública e social do morto, retirando do enlutado o peso de carregá-la em si como guardião de sua memória.

A repetição traumática caracterizada pelas reproduções incessantes de imagens que num primeiro momento parecem ter como único mecanismo a impregnação da pulsão de morte encontra nos sonhos um paradigma. Ao mesmo tempo, a persistência do trabalho onírico aponta para um movimento elaborativo que ultrapassa a repetição mortífera, e que, para além do retorno alucinatório visando à realização inconsciente de desejos, convoca em seu favor a exibição imaginária como apelo ao testemunho do sofrimento e à inscrição traumática.

Modelo sobre o qual se forjou o método analítico, o sonho, comporta dimensões do trabalho psíquico em estreita relação com o trabalho específico do luto. Por isso as perspectivas do sonhar como cuidado fornecem à clínica do luto sustentação para o direcionamento face à possibilidade de construção de um espaço em que do trauma possa emergir um devir vital.

Por fim, um balanço dos problemas aos quais nos dedicamos permite deslindar lentes de observação do fenômeno do luto a partir das quais se pode notar como certa pregnância temporal estanque de seus destinos psicopatológicos, estes marcados por tentativas mais ou menos bem-sucedidas de congelamento, paralisação do tempo e conservação daqueles cuja perda seja intolerável, contamina também seus modos de compreensão. Distante do peso melancólico, o trabalho de luto que almeja a integração da perda e impele à transformação dolorosa de si, encontra na mobilidade seu signo.

Ao longo da pesquisa lançamos mão de vinhetas clínicas² e literárias sem a pretensão de utilizá-las como exemplificação dos conceitos expostos, ou mesmo como forma de sustentação dos argumentos apresentados. Trata-se antes de um gesto espontâneo que tomou corpo com o desenvolvimento do trabalho e que revela, em última análise, boa parte de sua motivação. De fato, é possível que indiquem, inclusive, limitações daquilo que buscamos alcançar com nosso estudo e motivem sua continuidade para além da atual pesquisa.

² Trata-se de pequenos trechos de história, falas etc. que não permitem identificar seus autores, mantendo preservado o sigilo, resguardando-os eticamente.

5. Considerações finais

Não suprimir o luto (a dor) (idéia estúpida do tempo que abolirá), mas mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo passar de um estado estático (estase, entupimento, recorrências repetitivas do idêntico) a um estado fluido.

Roland Barthes, *Diário de luto*

Encaminhamo-nos ao final de nossa pesquisa, cujo percurso nos conduziu por alguns lugares aos quais almejávamos alcançar face aos problemas que levantamos em seus inícios, mas também por outros que inicialmente seriam pontos de apoio e acabaram por se revelar centrais, assim como aqueles que surgiram do próprio movimento espontâneo de pesquisa, enriquecendo-a e ao mesmo tempo apontando para seus limites e novos horizontes investigativos.

Diante da evidência de que tratar do luto é tratar do humano naquilo que lhe é mais fundamental e característico, advêm (ao menos) duas vias de abordagem de nosso problema: uma é aquela dos lutos fundantes e estruturantes que ocorrem no bojo de perdas não só inevitáveis como necessárias, subsumíveis à lógica castrativa, que impele ao abandono de objetos parciais com a promessa de ganhos narcísicos e civilizatórios. A outra é aquela que se refere a perdas desnecessárias e desestruturantes, já do lado do traumático que desafia a sustentação narcísica do sujeito. São vias evidentemente não só estreitamente interrelacionadas como inseparáveis, mas que permitem vislumbrar efeitos diversos das perdas sobre o psiquismo e do peso do traumático que tem desenlaces específicos em função do meio, do reconhecimento e da significação em que ocorrem.

Desde seu nascedouro, inicialmente imbuído das reflexões de Freud no decorrer da guerra, o luto inaugurado pela psicanálise recebe um lugar intrapsíquico inédito, que surge no momento exato em que um momento de virada se dá em relação à morte, cuja dimensão social sofre interdições significativas. No entanto, a despeito de críticas a respeito de uma abordagem excessivamente dual do luto que Freud proporia, estudamos como o espaço psíquico intersubjetivo concebido por ele em interlocução com Abraham e Ferenczi complexifica tal entendimento.

Se é verdade que Freud buscava, em 1917, alcançar a melancolia, sendo o luto para tanto um ponto de apoio, é importante notar que sua interpretação da melancolia como um destino subjetivo, por um lado, carrega um sentido menos impregnado do espírito de genialidade até então vigente; e, por outro, reserva uma conceitualidade que preserva sua articulação com o laço social (PLON; ROUDINESCO, 1998; KEHL, 2009).

Significativamente, do ponto de vista teórico, o momento em que as elaborações acerca da morte e do luto ganham espaço formalmente constituído na obra freudiana é aquele em que o narcisismo emerge como conceito central, formulando a constituição psíquica no seio da alteridade em torno dos jogos identificatórios. Entretanto, face à não articulação em seu pleno potencial das questões decorrentes do narcisismo em torno da constituição do Eu e da última teoria pulsional à luz da segunda tópica (GREEN, 1988), Freud (1992m), como notou Pontalis (2005), acaba por reduzir a compreensão da perda objetal, impregnando-a da angústia de castração.

Embora não ignorasse os limites de tal operação, os frutos que poderiam advir do estudo do luto pela via das modificações e sofrimentos em jogo na perda objetal, com os meandros identificatórios e pulsionais mobilizados pela vacilação narcísica, Freud realizou uma escolha metodológica pela abordagem dos destinos psicopatológicos das impossibilidades do luto via incorporação melancólica, que relegou a seus discípulos a tarefa de ver aquilo que escapara e permanecera recalcado em sua obra (SCHNEIDER, 1993b).

Como vimos com Rabinovich (2014), há diferentes concepções de objeto em Freud, que ele mesmo, contudo, nem sempre articula de modo claramente delimitável. Operando, contudo, a partir de aportes que seus próprios estudos e experiência clínica possibilitavam, Abraham e Ferenczi, ao trocar com Freud no momento em que este abordava a morte e o luto diretamente, propuseram inflexões de primeira grandeza, que por diversas razões tiveram seu potencial limitado por Freud e têm de ser resgatadas e colocadas em trabalho novamente, já à luz de seus edifícios teóricos singulares e da compreensão de seus herdeiros teóricos.

Fazendo-o, parece-nos, algumas das demais críticas (ALLOUCH, 2004) dirigidas a Freud, como aquela em torno da substitutibilidade dos objetos perdidos, ganham novas lentes de observação, permitindo complexificar sua compreensão. Não se trata de negar as limitações das formulações freudianas, mas antes de utilizar seus pontos obscuros como mola propulsora a fim de alcançar novos focos de luz, inclusive por meio de aspectos de sua própria obra que o permitem.

Karl Abraham, interlocutor primário de “Luto e melancolia”, observou como as perdas inaugurais de objetos na relação materna representariam ao *infans* ocasiões que possibilitariam frustrações extremas, às quais liga a depressão como possível resposta, mas assim insistia também na ambivalência não somente como fenômeno comum a qualquer forma de perda objetal e, portanto, ao luto, e não exclusivamente aos destinos

psicopatológicos. Daí que perdas posteriores, como observou Klein (1996), reativem as posições primitivas ocupadas face aos objetos primários, buscando ressignificar seu estatuto total.

Trabalhando com uma perspectiva integrativa, mas não indistintiva entre objetos parciais e totais, Abraham entrevê então na expansão libidinal aquilo que o outro interlocutor inicial de Freud acolhe a seu próprio modo: a introjeção sistematizada por Ferenczi.

Movimento psíquico vital pelo qual o Eu insere-se no mundo, a introjeção expande seus interesses e apropria-se buscando significação e simbolização alteritariamente, possibilitada pelas identificações. Mecanismo, portanto, que opera intersubjetivamente como forma concomitante de constituição de si e de apreensão da realidade e inserção na cultura. Ao almejar os possíveis sentidos fornecidos pelo objeto, o aparelho psíquico encontra nas primeiras identificações uma mediação possível para essa produção de sentidos, interpretativamente.

Movimento vitalizante que se reproduz na sequência da perda, e que coincide com a busca alteritária mobilizada pelo trauma, cuja intimidade com o luto estudamos a partir das preciosas contribuições de Ferenczi. Entre a perturbação do psiquismo por afluxos pulsionais invasivos e a falha de reconhecimento e significação, o trauma *do* luto e o trauma *no* luto, é nos destinos em que o congelamento do tempo e a preservação críptica dos mortos prepondera que a melancolia possibilita ver o negativo do luto.

Impedida a introjeção pela perda traumática de objetos indispensáveis, a incorporação é que vem a preencher ilusoriamente o vazio por ele deixados. Nesse caso, longe da significação e da integração de quaisquer sentidos, o Eu torna-se ele próprio sepultura para seus mortos. A introjeção, notara Ferenczi, demonstra uma mobilização expansiva do Eu face ao mundo, que é desde as mais tenras relações, instrumento de um aparelho psíquico essencialmente linguageiro e interpretativo.

Os objetos, nesse sentido, são suporte do movimento introjetivo que almeja buscar sentido e significação. É justamente na impossibilidade eventualmente surgida aqui pela desautorização do sofrimento advindo do trauma que reside o ponto central de seu desenrolar. O trauma ferencziano tem a especificidade de carregar em suas formulações um dos restos que não chegaram a ser propriamente integrados à teoria freudiana, qual seja, do papel da alteridade face à exogenia da violência que se encontra em sua base.

Nesse sentido, a perda em si e a intensidade dos laços que ligam o enlutado a seu morto não respondem exclusivamente pelos desenlaces mais ou menos bem-sucedidos de

um processo de luto, a não ser em relação com a possibilidade de inscrição social e pública de sua memória. Daí que a convocação à visibilidade que tão comumente se observa no luto, seja uma espécie de busca por garantia de um lugar em que os mortos possam persistir por meio da continuidade de sua memória, enquanto o sobrevivente pode assim se recolher para reequilibrar sua balança pulsional, que lhe permitirá, oxalá, novos investimentos que não virão propriamente a encontrar substitutos para aqueles que se foram, mas novas relações que lhe permitam, transformado pela perda, a fruição de novas alegrias.

O destino melancólico que impregna a perda e que se oferece como amparo à demonstração do oculto, como véu que a encobre, marca uma modalidade de experiência do luto que se caracteriza precisamente pela paralisação de um estado temporal em que os diversos trabalhos psíquicos que se mobilizariam são estancados, face ao medo do colapso narcísico. É então seu oposto o signo do trabalho do luto: a mobilização do mundo.

Travessia do informe, o luto trabalha no umbral entre os vivos e os mortos, oferecendo um espaço de reequilíbrio possibilitado pelo resguardo da inscrição realizada pela memória, cuja plasticidade oferece-se como contorno à dor, acolhendo as impressões traumáticas. Apelando então à triangulação, faz circular afetos e palavras que podem testemunhar a perda, dando-lhe destino vivo e móvel.

Testemunho que no seio do espaço analítico e nas inflexões que traz ao campo dos estudos sobre a memória, encontra na elaboração onírica ancoragem singular, para além de aspirações absolutistas, fora dos binômios esquecimento-recordação e verdade-mentira. Exercício inconsciente de escuta e fala em perspectiva livre e flutuante, o testemunho psicanalítico que tem lugar no encontro alteritário insiste na possibilidade lacunar distante dos pronunciamentos explicativos inequívocos.

Das indeterminações do sonho traumático que reproduz o excesso aspirando à proteção narcísica pela tentativa de redinamização pulsional e recomposição de si, emerge seu aspecto de espaço de cuidado. Trabalhando então para ligar, pela figurabilidade, impressões em estado bruto, o sonho põe em ação seu potencial elaborativo, ensejando a convocação de uma presença ternária para se sustentar que encontraria no reconhecimento criação potencial.

Espaço intermediário, os sonhos fornecem um laboratório ao psiquismo, em que os diferentes trabalhos psíquicos acionados pelo trauma da perda operam, permitindo a

indistinção entre aqueles que partiram e o sonhador que ensaia as transformações possíveis de si pelo objeto ausente e da entrega a este de algo do Eu.

A visualidade que se mostra tão fortemente clamada pela morte anuncia a necessidade de recomposição da imagem, que abala e desorganiza as ligações operantes no registro imaginário intersubjetivo que precisa assim preservar algo da imagem do outro prescindindo de sua pessoa viva, dando-lhe um lugar visível que permite sua sustentação fora de si, enquanto o Eu tem de se refazer transformando a imagem desse outro cujo corpo vivo era suporte de suas pulsões e lhes ditava o ritmo.

Ritmo que o espaço analítico arrisca reanimar, permitindo, no umbral e na indeterminação sustentados pela alteridade, criar um destino, uma inscrição aos mortos, desencumbindo o Eu da tarefa de ser seu vigilante, mas imóvel, guardião.

Algo então de um luto veria sua tarefa realizada, seu tempo encerrado. No entanto, a ideia de que a transformação de si e a mobilização do mundo são condições para tanto, leva-

-nos paradoxal e concomitantemente à questão da impossibilidade do fim propriamente dito do luto. Seria, antes, a garantia imóvel da inscrição sustentada pela visibilidade da memória dos mortos longe das profanações, de seu rapto, justamente aquilo que possibilitaria uma sempre possível visitação, um retorno, que dá ao sobrevivente plasticidade para recordar sua memória não como dever, que, já assegurado, se tornaria então direito e devir sempiternos.

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, K. A complicated ceremonial found in neurotic women (1912). In: _____. **Selected papers of Karl Abraham**. The Hogarth Press, London, 1948a. p. 157-163.

_____. Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais (1924). In: _____. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970a. p. 81-160.

_____. Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins (1911). In: _____. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970b. p. 32-50.

_____. The first pregenital stage of the libido (1916). In: _____. **Selected papers of Karl Abraham**. The Hogarth Press, London, 1948b. p. 248-279.

ABRAHAM, N.; TOROK, M. Luto ou melancolia, introjetar-incorporar. In: _____. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 243-258.

AGAMBEN, G. **Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALLOUCH, J. **Erótica do luto no tempo da morte seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ANTONELLO, D.; GONDAR, J. O analista como testemunha. **Revista Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 16-23, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000100016&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 1º ago. 2019.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. v. II.

_____. **Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BORGOGNO, F. Ferenczi, o “analista introjetivo”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 45, n. 2, p. 105-117, 2011.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. Figurabilidade psíquica e estados não representados. In: LEVINE, H.; REED, G.; SCARFONE, D. (org.). **Estados não representados e a construção de significado: contribuições clínicas e teóricas**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 141-210.

BREGALANTI GOMES, L.; ENDO, P. Palavras e imagens na cena do trauma: a psicanálise e os sonhos como testemunho. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, v. 35, 2019. No prelo.

COHEN, M. **A cena interior**. São Paulo: Editora 34, 2017.

ENDO, P. **A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo**. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. Depressão, tristeza, melancolia e luto: uma outra taxonomia psicanalítica? In: KAMERS, M. et al. (org.). **Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde**. São Paulo: Editora Escuta, 2016. p. 113-128.

_____. Elaboração onírica e representação na literatura de testemunho pós-ditadura no Brasil. In: PERDOMO, M. C.; CERRUTI, M. (org.). **Trauma, memória e transmissão: A incidência da política na clínica psicanalítica**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, Departamento de Formação em Psicanálise, 2009a.

_____. Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. **Percursos: Revista de Psicanálise**, v. 30, n. 60, p. 77-88, 2018.

_____. Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. **Revista USP**, n. 98, p. 41-50, jun.-ago. 2013.

_____. Partilha, testemunho e formas contemporâneas do excessivo. **Ide**, v. 31, n. 47, p. 70-74. dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200012. Acesso em: 21 maio 2019.

_____. Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil. **Revista Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 8-15, jan.-abr. 2016. doi: 10.1590/0103-6564D20150012.

_____. Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 343-349, 2009. Dossiê “Psicologia, violência e o debate entre saberes”. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200006>. Acesso em: 27 ago. 2009b.

FÉDIDA, P. **Depressão**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

_____. **Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia**. São Paulo: Escuta, 2009.

FELMAN, S. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo, Escuta, 2000. p. 13-71.

FERENCZI, S. A adaptação da família à criança (1928). In: _____. **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 2011a. p. 1-16.

_____. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). In: _____. **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 2011b. p. 55-60.

_____. Análises de crianças com adultos (1931). In: _____. **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 2011c. p. 79-96.

_____. A respeito das psiconeuroses. In: _____. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011d. p. 45-62.

_____. Confusão de língua entre adultos e a criança. In: _____. **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 2011e. p. 111-135.

_____. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. Dois tipos de neurose de guerra (histeria). In: _____. **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011f. p. 293-310.

_____. O conceito de introjeção. In: _____. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011g. p. 209-212.

_____. O problema da afirmação do desprazer (progressos no conhecimento do sentido de realidade). In: _____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 2011h. p. 431-444.

_____. Psicanálise das neuroses de guerra. In: _____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 2011i. p. 13-32.

_____. Reflexões sobre o trauma (1934). In: _____. **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 2011j. p. 125-135.

_____. Transferência e Introjeção. In: _____. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011k. p. 87-124.

FERENCZI, S. et al. **Psycho-Analysis and the war neuroses**. Londres, Vienna, Nova York: The International Psycho-Analytical Press, 1921. Disponível em: <<https://archive.org/details/Psycho-analysisAndTheWarNeuroses/page/n9>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

FREUD, S. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. In: _____. **Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte III) (1916-1917)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a. p. 309-325. (Obras Completas, v. XVI).

_____. Carta 52 a Fliess (1895). In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992b. p. 274-279. (Obras Completas, v. I).

_____. Carta 69. In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992c. p. 301-302.

_____. Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños (1917). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992d. p. 215-234. (Obras Completas, v. XIV).

_____. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1914). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre**

metapsicología y otras obras (1914-1916). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992e. p. 1-64. (Obras Completas, v. XIV).

_____. Contribuciones para un debate sobre el suicidio (1910). In: _____. **Cinco conferencias sobre psicoanálisis, un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras (1910)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992f. p. 231-232. (Obras Completas, v. XI).

_____. **Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. De guerra y muerte. Temas de actualidad (1915). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992g. p. 273-304. (Obras Completas, v. XIV).

_____. Dostoievski y el parricidio (1928). In: _____. **El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura y otras obras (1927-1931)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992h. p. 171-194. (Obras Completas, v. XXI).

_____. Duelo y melancolía (1917). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992i. p. 235-256. (Obras Completas, v. XIV).

_____. El yo y el ello (1923). In: _____. **El yo y el ello y otras obras (1923-1925)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992j. p. 1-66 (Obras Completas, v. XIX).

_____. **Estudios sobre la histeria (J. Breuer y Sigmund Freud) (1983-1985)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992k. (Obras Completas, v. II).

_____. Histeria (1888). In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. p. 41-66 Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992l. (Obras Completas, v. I).

_____. Inhibición, síntoma y angustia (1926). In: _____. **Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras (1925-1926)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992m. p. 71-164 (Obras Completas, v. XX).

_____. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992n. p. 65-98 (Obras Completas, v. XIV).

_____. La herencia y la etiología de las neurosis (1896). In: _____. **Primeras publicaciones psicoanalíticas (1893-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992o. p. 139-156 (Obras Completas, v. III).

_____. **La interpretación de los sueños (1900)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992p. 2 t. (Obras Completas, v. IV-V).

_____. La transitoriedad (1916). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992q. p. 305-312 (Obras Completas, v. XIV).

_____. Lettre à Binswanger. In: _____. **Correspondance: 1873-1939**. Paris: Gallimard, 1966. p. 421-422.

_____. Manuscrito G (1895). Melancolía. In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992r. p. 239-245 (Obras Completas, v. I).

_____. Manuscrito K. Las neurosis de defensa. (Un cuento de Navidad) (1896). In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992s. p. 260-268 (Obras Completas, v. I).

_____. Manuscrito N (Anotaciones III) (1897). In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992t. p. 296-298. Obras Completas, v. I).

_____. Más allá del principio de placer (1920). In: _____. **Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992u. p. 1-62. (Obras Completas, v. XVIII).

_____. O inquietante (1919). In: _____. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 382-376.

_____. Proyecto de psicología (1950 [1895]). In: _____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992v. p. 323-464. (Obras Completas, v. I).

_____. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1921). In: _____. **Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922)** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992w. p. 63-136. (Obras Completas, v. XVIII).

_____. **Psicopatología de la vida cotidiana (1901)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992x. (Obras Completas, v. VI).

_____. Pulsiones y destinos de pulsión (1915). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992y. p. 105-134. (Obras Completas, v. XIV).

_____. Tótem y tabú (1913). In: _____. **Tótem y tabú y otras obras (1913-1914)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992z. p. 1-164. (Obras Completas, v. XIII).

_____. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII (1923). In: _____. **El yo y el ello y otras obras (1923-1925)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992aa. p. 67-106. (Obras Completas, v. XIX).

FREUD, S.; ABRAHAM, K. **A psycho-analytic dialogue**. The letters of Sigmund Freud and Karl Abraham, 1907-1926. Londres: The Hogarth Press, 1965.

_____. **Correspondencia completa (1907-1926)**. Madrid: Editorial Síntesis, 2002.

FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. **Correspondência Completa**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. (Coleção psicologia psicanalítica).

FREUD, S.; FERENCZI, S. **Correspondencia completa**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2001. v. II: 1914-1916.

FREUD, S.; PFISTER, O. **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Viçosa: Últimato, 2001.

FUSS, D.; SANDERS, J. **Berggasse 19: Inside Freud's office**. New York, 2015. Disponível em: <<http://joelsandersarchitect.com/berggasse-19-inside-freuds-office-with-diana-fuss/>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

GAY, P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GONDAR, J. Ferenczi e o sonho. **Cadernos de psicanálise**, v. 35, n. 29, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200002>. Acesso em: 24 set. 2019.

GORER, G. **Death, grief and mourning**. Nova York: Doubleday, 1965.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: _____. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 27-152.

HORNSTEIN, L. **Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade**. São Paulo: Via Lettera, 2009.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KERNBERG, O. Some observations on the process of mourning. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 91, p. 601-619, 2010.

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). In: _____. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 385-412.

KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 1, p. 193-207, 2010.

_____. **Ousar rir: humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar. **Revista da SBPH**, v. 19, n. 1, p. 6-20, jan.-jul. 2016.

LACAN, J. **O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016. (O seminário, livro 6)

LAGACHE, D. Le travail du deuil. Ethnologie et psychanalyse. **Revue Française de psychanalyse**, v. 16, n. 4, p. 243-257, 1938.

LANDA, F. **Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise**: de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAUFER, L. **L'Énigme du deuil**. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

_____. A bela morte. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 15, n. 1, p. 15-31, jan.-jun. 2012. doi: 10.1590/S1516-14982012000100002.

LEADER, D. **Além da depressão**: novas maneiras de entender o luto e a melancolia. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

MEZAN, R. O inconsciente segundo Karl Abraham. **Revista Psicologia USP**, v. 10, n. 1, p. 55-95, 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/viewFile/107966/106304>>. Acesso em: 6 out. 2017.

NASIO, J.-D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

OGDEN, T. Uma nova leitura das origens da teoria das relações objetais. In: _____. **Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 48-67.

PERES, U. T. **Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PINHEIRO, T. **Ferenczi**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016. (Coleção Clínica Psicanalítica).

PINHEIRO, T. **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PLON, M.; ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PONTALIS, J.-B. **A força de atração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____. **Entre o sonho e a dor**. Aparecida: Ideias & Letras, 2005. (Coleção Psicanálise Século I)

_____. **Perder de vista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.

RABINOVICH, D. **El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica: Sus incidencias en la dirección de la cura**. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2014.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud**. O século da psicanálise: 1895-1995. São Paulo: Editora Escuta, 1995. v. 2.

ROSENBERG, B. **Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida**. São Paulo: Escuta, 2003.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SCHMITT, J. L. M. **Repercussões do macabro no romantismo brasileiro**. São Paulo, 2014. 244 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHNEIDER, M. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1993a.

_____. Trauma e filiação em Freud e Ferenczi. **Revista Percurso**, v. 10, n. 1, p. 31-39, 1993b.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História (UDESC)**, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan.-jun. 2010.

STAROBINSKI, J. **A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

STRACHEY, J. Nota introdutoria. In: _____. **Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras (1925-1926)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a. p. 73-82. (Obras Completas, v. XX).

_____. Nota introdutoria (duelo y melancolia). In: _____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916)**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992b. p. 237-240. (Obras Completas, v. XIV).

TOROK, M. Doença do luto e fantasia do cadáver saboroso. In: ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 215-236.

UCHITEL, M. **Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.